

# Algumas reflexões a partir de uma situação de análise mútua

Luis Carlos Menezes

Nesta tentativa de levar adiante sua própria análise com Freud, Ferenczi levanta problemas fundamentais para pensar a análise do analista: questão central ainda hoje.

**P**ego entre o “*desejo compulsivo de ajudar*”, de ser bondoso e humano e a revolta, o ódio crescente por se ver ainda enredado, vítima do “*terrorismo do sofrimento*” exercido pelo outro sobre ele, Ferenczi vive o mal-estar de reencontrar na análise a repetição sintomática de um impasse neurótico seu. Não se trata, no entanto, de sua análise, ao menos formalmente, mas da análise de uma mulher (R.N.) de quem ele é o analista! Esta o intimidara, na primeira entrevista, pela segurança que demonstrava e que é descrita por ele em termos tão superlativos que sugerem já um movimento transferencial seu em relação à paciente (cf. o Diário - 5 de maio de 1932). Ele a descreve como dotada de uma “*força de vontade extraordinariamente poderosa*”, de maneira que havia nela “*algo soberano, algo da superioridade de uma rainha, ou mesmo de uma alteza real*”, e diante da qual esforçava-se para manter a posição de superioridade que o médico teria de ter.

Depois de conhecê-la melhor, compreenderia que as brutais e repetidas agressões sexuais sofridas pela paciente ao longo de sua infância tiveram, sobre ela, efeitos devastadores. Criou-se uma organização defensiva cliva-

da, de maneira que uma parte de si se reconstituiu numa soberana distância em relação ao ocorrido, enquanto outra permaneceu como “*uma criança desmaiada no inconsciente*”; outra resposta ainda de sobrevida foi, segundo Ferenczi, ora considerar o agressor como louco e procurar tratá-lo, ora tentar encontrar, na própria violência exercida contra si, vestígios de uma intenção afetuosa (cf. Diário - 12 de janeiro de 1932). O que Ferenczi espera é que a paciente consiga vencer esta clivagem de maneira a poder integrar a “*parte destruída*”, recuperando como parte de si, de sua história, por horríveis que sejam, os acontecimentos traumáticos vividos, bem como seus efeitos psíquicos.

De um lado, pois, uma pessoa que se organizou como pôde, vítima de abusos sexuais por parte de um adulto (o próprio pai, ao que parece), e onde o traumatismo se redobrava pelo fato do agressor lançar o anátema sobre a vítima, cujo corpo era visto por ele como imundo e repulsivo, portador de todo o nojo e a sujeira que tais atos inspiravam. De outro lado, um movimento transferencial

Luis Carlos Menezes - Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

do analista em relação à paciente que, por lhe parecer uma mulher forte e segura de si, desperta nele não só ansiedade, mas também, secretamente, ódio e revolta. Em reação contra estes sentimentos inconscientes, vítima do que chama de “terrorismo do sofrimento” do outro sobre ele, leva a sua dedicação à paciente a extremos intoleráveis: aumenta de maneira ilimitada o número e a duração das sessões, a recebe nos domingos, chegando mesmo a sentir-se obrigado a levá-la consigo em suas férias (cf. Diário - 5 de maio de 1932).

É neste contexto que, com admirável audácia, Ferenczi aceita a sugestão da paciente de poder ajudá-lo a ajudá-la em sua análise, numa prática que foi chamada de análise mútua. Nesta, quando necessário, as posições são invertidas, cabendo ao analisando assegurar a função de analista, de maneira que seu analista possa, através de seus devaneios associativos, avançar em relação ao resto transferencial não-analisado de sua própria análise - vivificado, intensificado sintomaticamente em sua relação com a paciente - e que está obstruindo a possibilidade de prosseguimento da análise da paciente.

O texto do Diário que nos foi proposto por *Percurso* refere-se a um destes momentos. A paciente que “usa e abusa”, em função de suas necessidades regressivas, do sintoma do analista, percebe com sua própria aptidão para o “sentir-com” que ele está no ponto de explodir e que precisa de análise. O sonho da revolução alemã pode ser visto já como uma interpretação deste estado do analista e como um convite a que ele se abra, falando de sua revolta. Na sessão seguinte, Ferenczi se surpreende ao encontrar a paciente, que habitualmente o tiraniza com suas necessidades inesgotáveis de cuidados, mais disposta a dar que a receber. Neste dia ela será, como ele próprio escreve, a “analista”. A sessão será rica: num trabalho analítico produtivo que vai da repetição

transferencial à rememoração, Ferenczi se entrega às emergências associativas de sua fala, enquanto a paciente o escuta com atenção e benevolência.

A fantasia com um cadáver e uma lembrança, de início vaga, de uma cena sexual de sua infância, são os elementos mais significativos desta seqüência e trazem alguma luz sobre a natureza de seu ódio, não só pela paciente, no aqui e agora da análise, mas pelas mulheres em geral, sempre acompanhado aliás da compulsão reparadora. A fantasia como a lembrança comportam dois tempos: no primeiro ele é ativo, no segundo passivo, vítima, dominado pelo outro. Na fantasia ele abre a barriga do cadáver, sendo em segui-

Este texto  
corresponde sem  
dúvida a um esforço  
de Ferenczi para  
levar adiante a sua  
própria análise.

da *posto à força* dentro dela<sup>1</sup>; na cena dos jogos sexuais com a empregada, esta deixa que ele brinque com seus seios e, depois, *aperta a sua cabeça entre suas pernas*, de maneira que fica com medo e começa a sufocar. Parece que é a este tempo passivo que atribui o ódio inconsciente contra as mulheres dominadoras, ódio confirmado em seu poder pela queixa ambígua da mãe e que o “atingiu em cheio no coração”: “você é meu assassino”. Frase que pode ter correspondido a um desabafo banal como “você me mata de desgosto” e que, no *a posteriori* da rememoração, adquiriu uma tonali-

dade passional, dirigida àquele que se tornaria o “*enfant terrible*” da Psicanálise. De todo modo, vemos nesta curta seqüência como o pequeno Édipo acaba se dando mal em seus avanços erótico-genitais, as “*cenas passionais*” transformando-se numa modalidade de assujeitamento sadomasoquista, marcado pela culpabilidade, na relação com a mulher desejada. A sua paciente-analista não deixou aliás de observar que o resultado do seu “traumatismo” (de Ferenczi) foi “*a destruição de sua genitalidade*” (cf. Diário, 19 de janeiro de 1932). Expressão sem dúvida exagerada, pois a vitalidade dos avanços libidinais do menino, embora canalizados por caminhos sinuosos e regressivos, não perdeu nem um pouco de sua força, de sua insistência, neste homem tão intensamente mobilizado pelos descaminhos do desejo, em sua paixão pela e na clínica psicanalítica.

Este texto, como o conjunto do Diário, correspondem sem dúvida a um esforço de Ferenczi para levar adiante a sua própria análise. Para além de sua paciente-analista, Ferenczi prossegue, penosa e interminavelmente, a sua análise com Freud. É para ele que se volta continuamente, queixando-se com amargura de sua “*natureza narcísica*”, de sua “*severidade*” (uma “*severidade*” que, pouco depois, ele diz que quer alcançar), de sua recusa em ouvi-lo em suas “*fraquezas*”. Sente-se pouco considerado, mal-amado por um Freud que “*só se interessa pelas questões teóricas*”, “*indiferente ao sofrimento de seus pacientes*” (embora no final do texto fale de seu desejo de se dedicar não “*às questões práticas*” e sim aos “*problemas teóricos*”). A “*confusão de línguas*”, o mal-entendido é aqui muito grande, pois este homem “*desconsiderado*” por seu ex-analista é a única pessoa, ao meu conhecimento, a quem o fundador da psicanálise chamasse de “*verdadeiro Mestre*”, em repetidas homenagens, e com quem

insistia, ainda em 1932, para que aceitasse assumir a presidência da IPA. Judith Dupont cita uma carta de Freud, de 12/5/32, em que este lhe diz: *"Você deve deixar a ilha de sonhos em que se instalou com as crianças de sua imaginação e se envolver de novo no combate dos homens"*.

A publicação que começa a se fazer da correspondência entre os dois homens trará, evidentemente, muita matéria para reflexão. Parece claro, no entanto, que Freud se recusa a sustentar, diante da demanda exasperada de Ferenczi, a posição de analista, indispensável para que este pudesse levar a termo a própria análise. Ferenczi pensa que isto se deve ao fato de Freud não ter feito uma análise, a sua *"auto-análise"* tendo sido insuficiente. Pode-se pressentir o interesse dos problemas que se apresentam a este propósito, como o da análise de Freud em sua relação com a criação teórica - trabalho auto-analítico fecundo ou/e ocasião de resistência à análise - ou, ainda, da resistência na institucionalização da psicanálise, mas que escapam aos limites deste comentário.

A análise de Ferenczi que evolui de maneira complicada, penosa e no final, dramaticamente (o Diário!), oferece a possibilidade de se pensar a questão da análise do analista, seja ela regulamentada como análise didática ou não, e de suas incidências nas análises de que estes analistas ocupar-se-ão. Deste ponto de vista pode-se pensar que o *"furor sanandi"* de Ferenczi, mais que um sintoma, que é aliás objeto de análise no próprio texto em discussão, possa ser considerado como a expressão tanto de sua impossibilidade como de sua *"teimosia"* em concluir a análise com Freud, ainda que através de artifícios como a análise mútua. Ele quer liquidar uma transferência intensa e carregada de ambivalência e que o mantinha em constante estado de dependência infantilizante e de revolta mais ou menos latente. Esta-

va decidido a levar até o fim, através da análise, a análise, isto é, a elaboração de um inanalizado que em outros foi alimentar cristalizações defensivas, formações de compromisso que se traduziam numa certa acomodação em posições institucionais conformes a um momento histórico em que a descoberta psicanalítica se transformava ou procurava transformar-se numa respeitável ciência?

Para Ferenczi há uma questão crucial naquele momento em que se consolida o *"establishment"* psicanalítico através da IPA: os analistas são mal analisados! (cf. Diário - 3 de junho de 1932). Para ele, que obviamente não tardou em encontrar

**D**iante da  
demanda exasperada  
de Ferenczi, Freud  
recusou-se a sustentar  
a posição de analista.

sérios inconvenientes na prática da análise mútua, esta só teve sentido para compensar as insuficiências da análise do analista. Uma análise do analista, realizada plenamente com um analista, dispensa o recurso à análise mútua (com o paciente).

Ora, estamos longe das análises de apenas algumas semanas (como a de Ferenczi com Freud), e poderíamos pensar que as questões postas por Ferenczi não têm hoje pertinência dado que os analistas são bem analisados. Mas o são? Até que ponto?

A IPA, é verdade, se mostra vigilante no que diz respeito às análises didáticas: no mínimo 4 vezes por semana, sessões de 50 minutos, du-

ração de pelo menos 5 anos e análise feita com um analista reconhecido, um didata. Além disso é indispensável que as sessões sejam feitas em dias diferentes da semana (nunca agrupadas por exemplo em dois dias seguidos).

Estas exigências formais são de fato uma garantia da qualidade das análises dos analistas, ou quanto mais estreitas e rígidas se mostram em seu formalismo, mais traem o evitamento instituído das verdadeiras questões e problemas que estas análises comportam? Que incidência poderão ter sobre a análise do analista os artefatos, às vezes grosseiros, introduzidos por tais regulamentações, pela presença antes, durante e depois da instituição em que é feita a análise? E os limites introduzidos pelas pertinências grupais do analista de formação? Quantos analistas poderão ter, de tal forma incorporada em seu fazer clínico, a condição ética da escuta que lhe permitisse responder à demanda implícita do pretendente a analista:

*"Eu queria ser o que você é aos meus olhos, como representante da psicanálise"* (ou de tal facção, de tal escola), e lidar com ela de maneira também implícita e ao longo de toda a análise:

*"Enquanto analista eu sou apenas quem eu não sou"*<sup>3</sup>.

Freud, como pai da horda, certamente não tinha condições de se por neste lugar para ouvir Ferenczi. O extraordinário, no entanto, é que o *"enfant terrible"* nunca tenha se conformado com isto: suas análises mútuas permitem perceber com grande clareza, a exemplo do texto em discussão, que o *"inanalizado"* da transferência, na análise do analista, torna-se fonte de formações sintomáticas transferenciais (ou contra-transferenciais, se se quiser) na análise de seus pacientes. Estas formações sintomáticas poderão suscitar no analista movimentos defensivos imobilizadores, pois nem sempre se pode esperar que este tenha a

coragem e a sagacidade para reconhecer-las, e para ir em frente, submetendo-os à análise como o faz Ferenczi. Vale notar que depois destas sessões de análise mútua, Ferenczi se sentia, diz ele, aliviado, mostrando, inclusive junto aos demais pacientes, um interesse humano maior, uma disponibilidade que tornava a sua escuta mais atenta e precisa, sem sentir tédio e sonolência, e sem ter que fazer esforço para estar na sessão.

Hoje, quando ocorrerem estas condições, é o retorno do analista ao divã, não de seu paciente, mas de outro analista que se faz necessário. Poderíamos talvez afirmar que se o analista encontrar-se num período de sua prática clínica em que não esteja possuído por suas “necessidades de análise”, ele estará em condições de ter, junto a seus analisandos, uma presença “suficientemente boa”, favorecedora de análise, mesmo nos casos difíceis que requeiram mais improvisação, mais inventividade clínica e maior maleabilidade. Não será nunca uma presença ativista, uma familiaridade intrusiva, uma espontaneidade e uma afetividade exacerbadas, de encomenda, sob o pretexto frívolo de não ser rígido ou ortodoxo, que poderá contribuir para o tratamento: esse “excesso” de presença (não é disto que sofria Ferenczi com o seu analista?) tem todas as chances de ser confusante para o paciente, quando, na pior das hipóteses, não tomar um rumo perverso. Notemos, aliás, o que diz Ferenczi em nosso texto: “Cedo ou tarde, o paciente deixa de encontrar qualquer proveito no simples ‘sentir com’. Ou querem ficar comigo e que eu os faça felizes para o resto da vida, ou então preferem pôr fim ao medo de *um medo sem fim (ruptura brutal)*”. Ou ainda, a passagem, um pouco adiante, em que afirma a necessidade da “*liberdade do ‘sentir com’*”, aliada à “*inevitável severidade*”, termo pelo qual entendendo a referência à regra da abs-

tinência e aos fundamentos meta-psicológicos da escuta analítica.

Sobre os impasses transferenciais (ou contra-transferenciais) do analista, em sua clínica, é preciso lembrar também o eventual poder mobilizador da escuta por outro analista, nas condições de uma supervisão.

Uma palavra ainda sobre as tematizações e tentações em torno da técnica que a obra de Ferenczi, inevitavelmente, suscita. Certos analistas particularmente carismáticos em seu modo de trabalhar, Winnicott, Dolto e Bion, sendo bons exemplos, despertam em geral uma tendência a querer “*fazer como*” eles. Por outro lado, não é raro se apresentar questões entre analistas na forma do “*como fazer*” com tal paciente borderline, “*como fazer*” diante de tal ou qual situação difícil, isto em particular nas situações de supervisão. Este gênero de questões proliferam a partir da angústia do iniciante, mas está também presente em outros níveis, em particular nas formalizações institucionais da prática, variáveis de acordo com os momentos e as escolas. A noção de problemas de técnica, assim postos, merece toda a atenção, desde que entendidos no que comportam da expectativa de fazer a economia da elaboração analítica de uma configuração transferencial-contratransferencial determinada, singular, subjacente à questão. Tanto a pergunta como a resposta direta na forma do “*como fazer*” comportam o *evitamento de um trabalho de análise, tanto por parte do analista como do supervisor*. Não creio que, por esta via, na precipitação facilitadora da resposta, o supervisor esteja ajudando o analista em formação a ir encontrando o seu modo de ser junto a seus pacientes; isto só ocorrerá pelo acompanhamento paciente, em que este vai sendo auxiliado pelo supervisor a trabalhar psiquicamente com a angústia. A este propósito, Fédida escreve que a “*preocupação técnica do analista é um sintoma correlativo de suas*

*próprias resistências*”, embora, é claro, não proscreva “*a prática de teorizar sobre dificuldades clínicas*”, situadas no entanto no que chama de “*condições éticas da comunicação entre analistas*”, o que, para mim remete mais para o lado dos pressupostos metapsicológicos e, certamente, não para o prescritivo<sup>4</sup>.

Neste momento, em que o interesse salutar pela obra de Ferenczi começa a se ampliar entre nós, vale lembrar que, entre os psicanalistas franceses, a sua presença instigante se faz sentir já há algumas décadas (pense-se num Conrad Stein ou numa Monique Schneider), o que não é de surpreender, pois foi entre eles que, numa época em que, em outros lugares, a psicanálise era objeto de uma codificação tecnicista estreita, consagrada pela IPA, uma geração de analistas, entre os quais Lacan, rompia com prescrições que pouco tinham a ver com o que é essencial numa análise: que ela ocorra. No meu entender, trata-se de uma disposição, em relação à clínica, bastante semelhante à que anima Ferenczi em suas “*inovações*”, como as relatadas no texto aqui proposto.

## NOTAS

- (1) A tradução brasileira (texto fornecido por Percurso), foi feita a partir do texto constituído em francês por Judith Dupont, com base nos manuscritos de Ferenczi e em uma tradução destes para o inglês, feita por Balint. Na tradução brasileira há aqui um pequeno lapso que torna o 2º tempo da fantasia ativo: “...a fantasia louca *de que me metia à força no cadáver através dessa ferida*”, enquanto que em francês é: “le fantasme fou *qu'on me fourrait de force dans cette blessure du cadavre*”.
- (2) Judith Dupont transcreve uma passagem de carta de Ferenczi a Freud, datada de 21/8/32, em que renuncia definitivamente à presidência da IPA: “... no esforço para desenvolver minhas análises numa maneira mais profunda e eficaz, eu cheguei a um estado decididamente crítico e auto-crítico etc.”. Ferenczi julga que este estado de espírito não é propício para o cargo de presidente, “que tem por tarefa preservar o que está feito”.
- (3) Cf. François Perrier - *La chaussée d'Antin*. Union Générale d'Éditions, 10/18, vol. I, p. 89.
- (4) Cf. Pierre Fédida - *Clinica Psicanalítica*. São Paulo, Ed. Escuta, p. 104.